

O LADO B DO CD

Apresentação

Palestra em 90 minutos com dois ou três intervalos sugerida para o laboratório digital do SESC Santos, dia 9 de julho de 2015 seguindo os tópicos abaixo objetivando debates e questionamento simplificando e desmistificando a tecnologia imposta pelo mercado e consumo desenfreado.

- 1) Da partitura ao disco e o fonógrafo no início do século vinte
- 2) Da mecânica, eletricidade, eletrônica desenvolvendo qualidade de áudio até os anos 1930
- 3) Do surgimento da alta fidelidade nos anos 1960 e o realismo do “palco sonoro”
- 4) Da digitalização, miniaturização, descontentamento e volta do som analógico através do vinil nos dias atuais.

Público alvo:

Jovens de 16 até 86 anos de idade.

Introdução ao tema

Da partitura ao fonógrafo a música na virada do século dezenove para o século vinte modifica a forma de ouvir que se transforma definitivamente até hoje. A tecnologia então emergente na época, compacta transgride e comercializa a produção musical. Cronologicamente a mecânica, eletricidade, eletrônica, microeletrônica e processamento de dados em formato numérico, transformam no decorrer do século vinte a forma de ouvir música num novo gesto cultural.

A música dita “digital” jamais existiu nas percepções sensoriais. O registro da música em formato digital tem sim um papel fundamental na produção, edição, e armazenamento de informações tal como acontece com texto e imagem. O som quando codificado em formato digital sobrevive ao tempo para ser resgatado através de estruturas de processamento e algoritmos constantemente atualizados e renovados, mas o formato “digital” jamais chega aos nossos ouvidos.

A cultura de ouvir por razões então mercadológicas, ganha novos formatos, atributos e adjetivos propostos equivocadamente através de jargões técnicos que em quase nada contribuem para o verdadeiro apreço da música pelo público leigo. As inutilidades comprovadas das especificações técnicas em produtos embalados banalizam e vulgarizam a verdadeira qualidade na forma atual de ouvir música. O mundo musical puramente analógico pode e deve se servir do avanço dos processadores numéricos para preservar e requalificar a forma de ouvir.

Tais como uma partitura um bom intérprete e um bom instrumento musical permitem a riqueza e qualidade do evento musical ao vivo, similarmente à música ao vivo o registro digital, interpretações e transcrições através de ferramentas e processadores dedicados podem criar não apenas uma não única cópia referência do registro sonoro, mas sim diversas transcrições personalizadas, humanas únicas e requalificadas. Desta forma nasce um CD analógico que substitui o fonógrafo do século vinte. O fonógrafo que “desenha” o som de forma arejada e quente da obra musical revivendo uma nova grafia do som. O som desenhado para cada obra, cada ouvido e seus apreços.

Sami Douek

Santos, 3 de maio de 2015